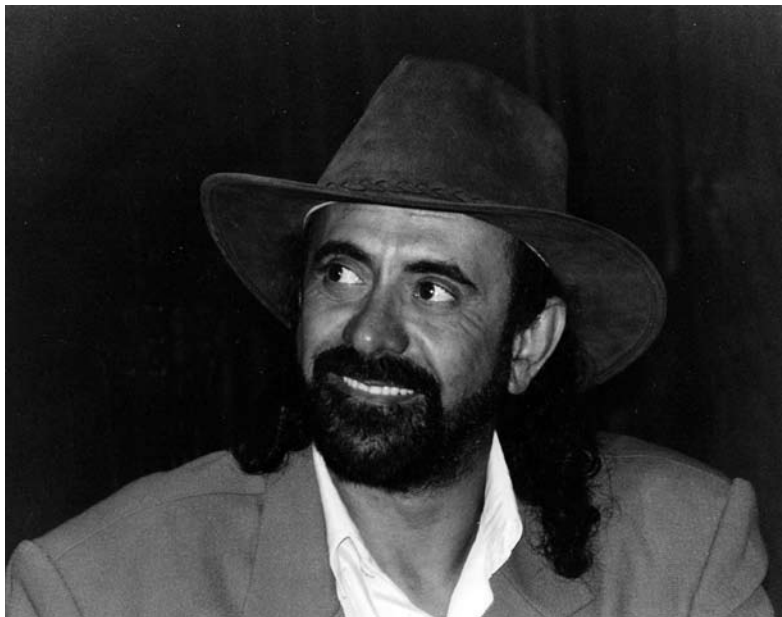


Música
5 Junho '09

Xangai Brasileirança

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Violão Xangai
Bandolim e violão Fabrício Rios

Programa

Canção Primeira
Geraldo Vandré

João e Duvê
Maciel Melo

Estampas Eucalol
Hélio Contreiras

Matança
Augusto Jatobá

Gírias do Norte
Jacinto Silva,
Onildo Almeida e Xangai

Menino Gaiteiro
Xangai

Kukukaia
Cátia de França

Coco Sincopado
Jacinto Silva

Nóis É Jeca Mais É Jóia
Juraildes da Cruz

Filomena e Fedegoso
Jacson do pandeiro

Galope à Beira Mar Soletrado
Ivanildo Vila Nova e Xangai

Gago Grego
Jacinto Silva

O Sapo no Saco
Jararaca

ABC do Preguiçoso
Xangai

Curvas do Rio
Elomar

Pequenina
Renato Teixeira

Cantada
Elomar

El Carretero
José René Moreno K.

Aqui Ti Trago Una Rosa
Victor Jara

La Rosa Blanca
José Martí, Hélio Contreiras e Xangai

Luna de Margarita
Simon Díaz

A Meu Deus Um Canto Novo
Elomar

Natureza
Ivanildo Vila Nova e Xangai

Bolero de Isabel
Jessier Quirino

Programa sujeito
a alterações

Eugênio Avelino se chamavam seu bisavô e avô. E foi o nome que lhe deu o pai, Jany. Passou a chamar-se Xangai porque, com 18 anos, se ocupava da sorveteria com esse nome pertencente à família.

Nasceu em 20 de Maio de 1948, no sertão da Baía, descendente directo do bandeirante João Gonçalves da Costa, fundador de Vitória da Conquista, na Baía, fixando-se ainda pequeno na zona da mata de Minas Gerais. O seu avô era mestre dos mestres dos sanfoneiros da região (tocadores de sanfona, nome popular do acordeão). Faleceu aos 101 anos transmitindo a sua mestria ao filho Jany. Xangai, porém, preferiu o violão, embora tenha herdado dos seus o gosto pela música: “Eu sempre fui um artista. Canto desde garoto”.

O chapéu que usa nos palcos da vida, não engana: como seu pai, ele é vaqueiro. “Eu sou da linha dos pastores, dos cuidadores de rebanhos de cabra, gado, sou vaqueiro também e adestrador de cavalos”. Viveu tempos na fazenda do seu primo, o compositor e cantor Elomar. E esse encontro foi decisivo na sua formação artística. É um dos melhores intérpretes das suas canções.

Em 1973 mudou-se para o Rio de Janeiro onde viveu por mais de dez anos. Começou a estudar na Faculdade de Economia, mas desistiu para se dedicar à música.

“O que eu canto é a presença de minha própria realidade. Eu não me sinto muito confortável em cantar músicas de outros povos longe daqui, principalmente dos países ricos, tão em moda, tão apregoados, cantados e decantados por muitos brasileiros, inclusive. Eu acho muito melhor cantar músicas de Cartola,

Dorival Caymmi, Luiz Gonzaga, João do Valle, Jackson do Pandeiro do que dos Estados Unidos ou da Inglaterra. (...) Acho que eles também não ficam cantando Paulinho da Viola”.

Xangai gravou seu primeiro disco, *Acontecimento*, em 1976, para a CBS (o único disco que gravou para uma grande editora), com canções como *Asa branca*, um clássico de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, *Forró de Surumbim*, *Marcha-rancho*, etc.

A sua discografia, de mais de quarenta títulos, inclui *Parceria Malunga* (1981), em conjunto com Elomar, Arthur Moreira Lima e outros; *Mutirão da vida* (1984), com direcção musical de Jaques Morelenbaum; *Cantoria 1* (1984), que regista ao vivo o espectáculo que com Elomar, Geraldo Azevedo e Vital Farias apresentou no Teatro Castro Alves, em Salvador; *Cantoria 2* (1985), com o mesmo grupo do disco anterior; *Xangai lua cheia-lua nova* (1991); *Aguaterra* (1996); *Cantoria de Festa* (1997), com músicas festivas que fazem alusão às festas populares dedicadas a São Pedro, Santo António e São João nos estados nordestinos, que recebeu o Prémio Sharp de Melhor Disco do Ano; *Um abraço para ti, pequenina* (1998) só com músicas de compositores paraibanos; *Brasilerança* (2002) com o Quinteto da Paraíba onde consta a canção *ABC do preguiçoso* (*Ai d'eu sodade*), um dos seus maiores êxitos; *Cantoria brasileira* (2002), no seguimento do espectáculo que apresentou no Teatro da UFF, em Niterói, comemorativo dos 25 anos da sua editora, a Kuarup; *Nois é jeca mais é jóia* com Juraildes da Cruz.

Em 2006 foi lançado o seu primeiro DVD, *Estampas Eucalol* que recolhe para

além de um espectáculo ao vivo no Rio de Janeiro, uma entrevista ilustrada com depoimentos e números musicais.

É autor, desde há anos, do programa “Brasilerança”, que ele próprio apresenta todos os domingos na TVE-Bahia e na Rádio Educadora da Bahia.

Recebeu o prémio Chiquinho Gonzaga, o título de Cidadão Paulistano, conferido pela vereação de São Paulo pelo que apresenta e acrescenta na cultura daquele estado brasileiro, entre numerosas outras distinções.

Um dos principais cantadores e violeiros do Brasil, com uma voz forte e agreste, que vai do grave ao agudo, no seu repertório avultam as canções nordestinas, de raiz popular, como os xotes, baiões, forrós, cocos, repentis, mas também as canções românticas e óperas do nordeste. De uma personalidade cultural única, forte e bem definida, “não se rende aos interesses da mídia nem se vende às amarras propostas pela indústria fonográfica da actualidade”.

Para Xangai, a diferença entre ser um cantor e um cantor vai além de uma simples questão morfológica. O cantor, tal como se define a si próprio, é o que exprime a sua arte de forma verdadeira, de dentro para fora, sem concessões às modas ou ao *mainstream*. “Uma música que não tem uma ‘sustância’, não tem conteúdo poético, nem coisa que ficará. É uma armação, modelo descartável”, diz.

Quando lhe perguntaram se achava que o artista devia ter alguma militância para mudar o país, respondeu:

“— Não. O artista necessariamente tem que ter talento. Por uma questão de consciência social é muito proveitoso ele utilizar a sua arte para auxiliar, através do texto, da poesia, da música,

a evolução do seu semelhante. E como se processa isso? Da maneira que puder. Clareando, apontando o caminho. A maneira que eu penso ser a mais adequada de se ser social é contar a realidade do ser humano”. [Esta e outras afirmações de Xangai anteriormente citadas neste texto foram retiradas da entrevista publicada na *Revista Sem Fronteiras* (www.semfronteirasweb.com.br), Setembro de 2002].

Xangai apresenta-se em inúmeros espectáculos por todo o Brasil com as mais diversas formações. Mas é sozinho que se solta mais, com o seu toque único do violão. Ai canta sem guião pré-estabelecido, mas ao sabor do espectáculo e da reacção que vai sentindo do seu público. “Preciso estar ligado com quem está me assistindo, sentir o que eles querem ouvir e aí vem a situação”.

Dele diz Elomar: “É um cantor, um artista, um menestrel, um dos maiores poucos gatos pingados e tresloucados sonhadores-de-mãos-sangrentas-contrapontas-afiadas inimigas. Remanescente que teima em guardar a alma desta terra. Que também se vai atropelando contra a multidão de astros constelados que fulgurantes espargem luz negra dos céus dos que buscam a luz. Lá vai ele recalitrante e contumaz cavaleiro, perdulário da bem querência que deixa a índole dissoluta de um pobre povo que habita o espaço rico de uma pátria que ainda não nasceu (...)”.

Este texto resulta de uma colagem de excertos publicados em: www.xangai.mus.br; www.dicionariompb.com.br; www.brasilfesteiro.com.br; www.kuarup.com.br; wikipedia; www.overmundo.com.br e press release enviado pelo seu agente.

Orquestra do Algarve

Concerto comentado
por Cesário Costa e Patrício da Silva



Música Dom 7 Junho

Grande Auditório · 11h00 · Dur. 1h00 · M6

Maestro Cesário Costa

Programa

Joly Braga Santos *Staccato Brillhante*

Patrício da Silva *The Fact of the Matter as a Matter of Fact*

Igor Stravinsky *Pulcinella*

O programa do último concerto comentado deste ano inicia-se com o *Staccato Brillhante* de Joly Braga Santos. Trata-se da última obra que o compositor escreveu para orquestra. Braga Santos foi um dos grandes compositores portugueses do século XX. Exímio na escrita orquestral e grande melodista, pretendia que a sua música “falasse ao homem comum com simplicidade”.

Segue-se uma peça de outro compositor português da nova geração, Patrício da Silva, escrita em 2007. Patrício da Silva estudou na Escola Superior de Música de Lisboa e doutorou-se em composição na Universidade da Califórnia. Grande parte da sua carreira tem-se desenrolado nos Estados Unidos. É compositor residente

da Orquestra Sinfónica de Berkeley, na Califórnia. As suas obras têm sido tocadas nos EUA e em vários países europeus, incluindo, é claro, Portugal. *The Fact of the Matter as a Matter of Fact* é uma peça de 12 minutos em 3 andamentos, que tem como ponto de partida o uso da série dos harmónicos, como o próprio compositor explicará nos seus comentários.

O concerto termina com a suite *Pulcinella* de Stravinsky. Esta obra foi encomendada em 1920 por Diaghilev, o famoso empresário dos Ballets Russes, para um bailado com cenários e figurinos de Pablo Picasso. Nesta suite, de características “neo-clássicas”, Stravinsky utiliza excertos de obras de compositores italianos do século XVIII, nomeadamente de Pergolesi.

Teremos assim um programa variado, com excelentes peças, acessíveis a todo o público.

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Conselho de Administração

Presidente

António Maldonado

Gonelha

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

Pietra Fraga

Carmo Rolo

Direcção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção e Montagem

António Sequeira Lopes

Produção

Paula Tavares dos Santos

Montagem

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Filipa Ferro estagiária

Patrícia Paixão estagiária

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Direcção Técnica

Eugénio Sena

Direcção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

José Luís Pereira chefe

Alcino Ferreira

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Recepção

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Colecção de Arte

da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
